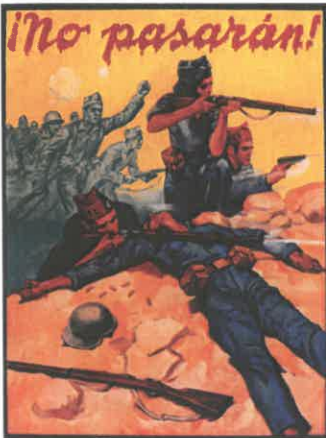




IN MEMORIAM DA GUERRA CIVIL DE ESPANHA



Nos quase 80 anos do termo oficial da Guerra Civil de Espanha, a UPP, numa iniciativa coordenada por Sónia Duarte, promoveu um ciclo de conferências para debater esse trágico e infeliz acontecimento no país vizinho, provocado pelo levantamento militar fascista contra o governo republicano eleito, a partir do seu registo nos arquivos portugueses e na literatura portuguesa e espanhola.

A primeira conferência, realizada em 3 de Dezembro de 2018 foi subordinada ao tema "A DOCUMENTAÇÃO ACERCA DA GUERRA CIVIL DE ESPANHA NO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO", a cargo do

dirigente da UPP Silvestre Lacerda, arquivista, diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. A segunda conferência realizou-se em 6 de Dezembro e subordinou-se ao tema de "A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NA LITERATURA PORTUGUESA" e foi proferida por José António Gomes, escritor e professor do Instituto Politécnico do Porto.

Por fim, realizou-se em 14 de Dezembro uma conferência sobre "A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NA LITERATURA ESPANHOLA", proferida por María del Pilar Nicolás Martínez, professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Registou-se uma grande adesão e uma interessada participação no conjunto destas iniciativas, notando-se um agrado generalizado pela informação partilhada e pelo debate e reflexões geradas sobre este episódio negro da história de Espanha e do mundo.

Um relato resumido sobre cada uma das conferências pode ser lido nas páginas 4, 5 e 6.

Contribua com 0,5% do seu IRS para a UPP sem qualquer encargo

Para isso basta escrever no quadro 11 do modelo 3 o NIF da UPP 501766308

A Lei 7-A/2016 confere aos contribuintes a decisão de consignarem 0,5% do valor liquidado em sede de IRS a uma Pessoa Coletiva de Utilidade Pública incluindo as que desenvolvam atividades de natureza e interesse cultural, como é o caso da UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO.

No ano transacto já muitos amigos da UPP responderam ao apelo de consignarem essa verba a favor da UPP, facto que se refletiu positivamente nas suas contas e que a sua direção muito agradece.

Este ano, todos podem novamente fazer essa consignação a favor da UPP, apoiando dessa forma os projetos desenvolvidos em nome de uma sociedade mais solidária.

Para isso, basta indicar na sua declaração de IRS o NIF 501 766 308 no campo reservado à "consignação fiscal", permitindo que, sem quaisquer encargos para si, 0,5% do imposto liquidado seja destinado, pelo Estado, à UPP.

Comemorando, em 2019, 40 anos da sua atividade de promoção do acesso ao conhecimento e da cultura pela liberdade, a UPP deseja ampliar a sua atividade cultural solidária e torná-la ainda mais independente e ativa. É para esse objetivo ambicioso que faz este apelo, na expectativa da sua aceitação e divulgação junto de familiares e amigos.

11 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS / CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 1% DO IVA SUPORTADO			
ENTIDADES BENEFICIARIAS			
Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 15/2001, de 22 de junho)	<input type="checkbox"/>	1101	
Instituições partilhadas de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 15/2001, de 22 de junho)	<input type="checkbox"/>		
Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.º 5 e 7, da Lei n.º 35/08, de 18 de junho)	<input type="checkbox"/>	1102	
Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152.º do CRIS)	<input checked="" type="checkbox"/>	1103	
		NIF	IRS IVA
		501766308	<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

VISITAS DE ESTUDO DA UPP

PELOS CAMINHOS DE CISTER LORVÃO E PENACOVA

No âmbito das visitas de estudo “Na Rota do Património”, em 10 de Novembro concretizou-se a viagem “Pelos Caminhos de Cister (Lorvão e Penacova)”.



A Livraria do Mondego, explicada no local por Dalmindo da Natividade

alvo de uma aula dada, no local, por Dalmindo da Natividade, professor do curso da UPP “Roteiros da Natureza”.

Cumprindo o percurso previsto, um interessado grupo visitou o Museu do Moinho Vitorino Nemésio, onde ouviu as explicações dadas pela guia local, Sara Matos. De seguida, parou na Livraria do Mondego, “monumento natural” cuja formação geológica de quartzitos na vertical, como prateleiras de livros de uma biblioteca, foi

Na etapa final, ainda houve tempo para visitar o Mosteiro e Museu do Lorvão, com visita guiada por José Pisco.

Como acontece habitualmente, o grupo que participou nesta viagem cultural reuniu-se, ao almoço, neste caso em Penacova, onde saboreou um dos pratos locais – a



Visitantes da UPP no Mosteiro do Lorvão

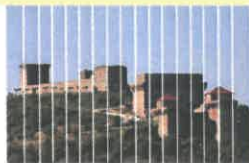
chanfana com batata cozida e legumes.

A chuva, que desde o início ameaçava cair, apenas registou uma breve presença que não prejudicou a boa disposição do grupo participante, ao qual, como sempre, se deve o sucesso destas programações.

Próxima visita de estudo

VILA MEDIEVAL DE OURÉM

E OUTROS PONTOS DE INTERESSE DA CIDADE...



VISITA DE ESTUDO
Vila Medieval de Ourém

SÁBADO, 23 MARÇO, 2019

Firmada no topo do morro, a vila medieval inscreve-se no seio de uma muralha rasgada por duas portas. As ruas estreitas das calçadas exibem um conjunto arquitetónico que congrega os estilos gótico, mudéjar, manuelino, barroco e pombalino. O património imaterial, expresso na interação dos habitantes e visitantes, também enobrecer o burgo e confere-lhe a necessária dinâmica.

Mas... a cidade tem muito mais para ver e com interesse!

Cicerone da visita: Gonçalo Ribeiro, historiador, de Ourém

Colaboração na concepção e acompanhamento da visita: Sérgio Ribeiro, professor na Universidade Sénior de Ourém e colaborador da UPP.

EM ÍLHAVO a conhecer história e “estórias” da terra e do mar...

Na primeira visita de estudo da UPP de 2019, em 26 de Janeiro, num sábado soalheiro, 52 convivas partiram à descoberta de ÍLHAVO.

A visita iniciou-se no Largo da Fábrica Vista Alegre, seguindo pela Capela da Nossa Senhora da Penha de França, monumento nacional, de arquitetura maneirista e do barroco de finais do século XVII. Além da representação do presépio no altar-mor, das pinturas da capela-mor e da nave, painéis de azulejos setecentistas de Gabriel del Barco com a representação da Virgem, na capela assume especial destaque a obra-prima do barroco, o túmulo de D. Manuel de Moura Manuel, esculpido em pedra de Ançã pelo escultor francês Claude Laprade, uma obra com um sensível arrojado de modernidade para a época, finais do século XVII.

Em seguida o guia, o operário reformado Duarte José, embarcou o grupo numa viagem ao passado por histórias do Bairro da Vista Alegre, “o bairro onde eu nasci”, narradas na primeira pessoa. A construção do Bairro iniciou-se em 1824 com a fundação da Fábrica da Vista Alegre. Pertença da Fábrica e criado para os seus trabalhadores, é constituído por diferentes tipologias de moradias, integrando edifícios como o Teatro, o Grupo Desportivo, o Refeitório ou a Creche. O Bairro da Vista Alegre é um espaço único que se destaca pela riqueza do seu património natural e edificado e como símbolo de memória e identidade locais.

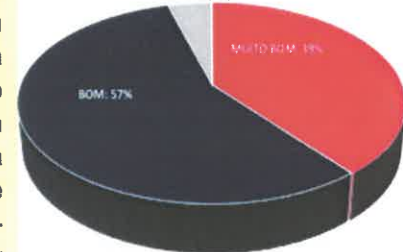
A visita guiada seguiu para o Museu Histórico da Vista Alegre, recentemente ampliado e requalificado, numa viagem pelo mundo das artes decorativas e da indústria cerâmica e pelo percurso histórico da sua comunidade operária.

Após o almoço, o grupo seguiu para o Museu Marítimo de Ílhavo, um lugar de memória dos ilhavenses, onde foi recebido pela técnica Francelina Pimentel. Assumindo inicialmente uma

vocação etnográfica e regional, em 2001 este museu foi renovado e ampliado com um belo edifício de arquitetura moderna e com o navio-museu Santo André, um antigo arrastão bacalhoeiro que fez parte da frota portuguesa do bacalhau (navio-museu que o grupo da UPP visitou no final da visita na Gafanha da Nazaré). Em 2013, passou a incluir um admirável aquário de bacalhaus.

Assumindo a missão de preservar a memória do trabalho no mar e de promover a cultura e a identidade marítima dos portugueses, o Museu Marítimo de Ílhavo, além de ser um testemunho da forte ligação dos ilhavos ao mar e à Ria de Aveiro e da pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova e Gronelândia, é uma instituição dedicada a todas as comunidades costeiras e aberta aos mais diversos públicos.

VISITA DE ESTUDO “ÍLHAVO” 2019.01.26
OPINIÃO DOS PARTICIPANTES
SATISFAZ: 4%



Visitantes da UPP no Museu da Vista Alegre

Curso de António Avelãs Nunes

A IMPORTÂNCIA DO MARXISMO PARA COMPREENDER O CAPITALISMO



António Avelãs Nunes

Num curso pós-laboral de três sessões, iniciado no dia 15 de Fevereiro, António Avelãs Nunes propõe-se expôr uma breve história do capitalismo, mostrar como a ciência económica surgiu como ciência da burguesia e explicar Marx e a crítica da economia política burguesa.

O curso, que tem uma significativa adesão de sindicalistas e de pessoas

interessadas no tema, aborda questões centrais da explicação marxista do capitalismo:

1) problemática da acumulação primitiva do capital. As revoluções burguesas, com destaque para a Revolução Francesa. A revolução industrial. A viragem no último quartel do séc. XIX. A Primeira Guerra Mundial e a

Revolução de Outubro. A Segunda Guerra Mundial. A "revolução keynesiana" e o estado social. A contra-revolução monetarista/neoliberal.

2) A ciência económica nasceu com os fisiocratas. Adam Smith e David Ricardo foram os grandes impulsionadores da economia política burguesa que desacreditou os valores e as estruturas da ordem feudal e procurou legitimar o capitalismo como civilização das desigualdades.

3) Marx estudou a economia política dos clássicos ingleses e partiu dela (teoria do valor-trabalho) para valorizar o antagonismo entre o capital e o trabalho, para enunciar a teoria da exploração e para explicar, com base no materialismo histórico (materialismo dialético), que a luta de classes é o motor da História e que as contradições do capitalismo hão-de conduzir à sociedade socialista.



Conferência e Exposição sobre Armando de Castro

UM HOMEM SIMPLES DE SABER MULTIFACETADO



José Madureira Pinto, Sérgio Vinagre e Jorge Sarabando

Integrando as comemorações do centenário do nascimento de Armando de Castro, realizou-se na UPP em 12 Dezembro a abertura de uma exposição sobre a vida e obra de Armando de Castro e uma conferência que teve como oradores José Madureira Pinto, da Universidade do

Porto, e Jorge Sarabando. Na mesa da conferência esteve ainda presente o Presidente da UPP, Sérgio Vinagre, que abriu a sessão referindo o papel importante que Armando de Castro teve na própria UPP, da qual foi fundador e professor, para além de destacar a importância da vida e da obra do investigador, professor universitário, economista, historiador, advogado e homem de ação, na luta por um mundo melhor.

José Madureira Pinto, salientou a vasta e importante obra de Armando de Castro produzida, em grande parte, em condições adversas.

Estudioso e trabalhador incansável, dedicou-se a áreas muito diversificadas, tais como a economia teórica e aplicada, a história da economia e a epistemologia das ciências. A História Económica e Social tem, conforme referiu, 84 entradas no Grande Dicionário da História, de Joel Serrão.

Por razões estritamente políticas, o Prof. Armando de Castro estava impedido de desenvolver uma carreira académica, bem como de participar em círculos e redes de capitalização científica.

Recorria aos espaços institucionais (bibliotecas e arquivos, principalmente) cujo funcionamento escapava, apesar de tudo, ao controlo político-policial da ditadura.

Atento analista dos processos de trabalho que podiam ser publicados, questionava-se e investigava as fontes, mesmo estatísticas.

Ele fornecia um currículo alternativo ao da Universidade. Para aprender certas coisas era preciso ir às suas conferências, onde eram abordados temas não permitidos pela universidade.

Não obstante o capital científico que acumulava, sempre foi uma pessoa simples, de grande humildade, que sabia ouvir.

Tendo ocupado na FEP, após o 25 de Abril, os mais altos cargos de gestão e de direcção científica,

nunca usou as possibilidades de intervenção postas ao seu alcance pela detenção do capital institucional a eles associado para conter ou condicionar a aquisição e acumulação de conhecimentos por parte dos mais jovens.

Armando de Castro teve sempre uma percepção fina do que são os instrumentos do poder e de como utilizá-los de uma forma emancipatória.

Apesar do nível científico da obra de Armando de Castro, Madureira Pinto considerou que está pouco estudada e que, actualmente, caiu no esquecimento.

A encerrar a conferência, Jorge Sarabando falou da personalidade política, referindo que foi em tempos de grande adversidade política que Armando de Castro fez a sua adesão ao PCP, partido a que se manteve sempre fiel.

Salientou ainda o facto de ele pertencer a um escol de portugueses, entre os quais: Abel Salazar, Óscar Lopes e Ruy Luís Gomes.



Ekphrasis

Descrição da guerra em Guernica

por Carlos de Oliveira

I

Entra pela janela
o anjo camponês;
com a terceira luz na mão;
minucioso, habituado
aos interiores de cereal,
aos utensílios
que dormem na fuligem;
os seus olhos rurais
não compreendem bem os
símbolos
desta colheita: hélices,
motores furiosos;
e estende mais o braço; planta
no ar, como uma árvore,
a chama do candeeiro.

II

As outras duas luzes
são lisas, ofuscantes;
lembram a cal, o zinco branco
nas pedreiras;
ou nos umbrais
de cantaria aparelhada;
bruscamente;
a arder; há o mesmo
branco na lâmpada do teto;
o mesmo zinco
nas máquinas que voam
fabricando o incêndio; e assim,
por toda a parte,
a mesma cal mecânica
vibra os seus cutelos.

III

Ao alto; à esquerda;
onde aparece
a linha da garganta,
a curva distendida como
o gráfico dum grito;
o som é impossível; impede-o
pelo menos
o animal fumegante;
com o peso das patas, com os
longos
músculos negros; sem esquecer
o sal silencioso
no outro coração:
por cima dele; inútil; a mão desta
mulher de joelhos
entre as pernas do touro.



IV

Em baixo, contra o chão
de tijolo queimado,
os fragmentos duma estátua;
ou o construtor da casa
já sem fio de prumo,
barro, sestas pobres? quem
tentou salvar o dia,
o seu resíduo
de gente e poucos bens? opor
à química da guerra,
aos reagentes dissolvendo
a construção, as traves,
este gládio,
esta palavra arcaica?

V

Mesa, madeira posta
próximo dos homens: pelo corte
da plaina,
a lixa ríspida,
a cera sobre o betume, os nós;
e dedos tacteando
as últimas rugosidades;
morosamente; com o amor
do carpinteiro ao objeto
que nasceu
para viver na casa;
no sítio destinado há muito;
como se fosse, quase,
uma criança da família.

VI

O pássaro; a sua anatomia
rápida; forma cheia de pressa,
que se condensa
apenas o bastante
para ser visível no céu,

sem o ferir;
modelo doutros voos: nuvens;
e vento leve, folhas;
agora, atônito, abre as asas
no deserto da mesa;
tenta gritar às falsas aves
que a morte é diferente:
cruzar o céu com a suavidade
dum rumor e sumir-se.

VII

Cavalo; reprodutor
de luz nos prados; quando
respira, os brônquios;
dois frêmitos de soro; exalam
essa névoa
que o primeiro sol transforma
numa crina trémula
sobre pastos e éguas; mas aqui
marcou-o o ferro
dos lavradores que o anjo ignora;
e endureceu-o de tal modo
que se entrega;
como as bestas bíblicas;
ao tétano; ao furor.

VIII

Outra mulher: o susto
a entrar no pesadelo;
oprime-a o ar; e cada passo
é apenas peso: seios
donde os mamilos pendem,
gotas duras
de leite e medo; quase pedras;
memória tropeçando
em árvores, parentes,
num descampado vagaroso;
e amor também:
espécie de peso que produz

por dentro da mulher
os mesmos passos densos.

IX

Casas desidratadas
no alto forno; e olhando-as,
momentos antes de ruírem,
o anjo desolado
pensa: entre detritos
sem nenhum cerne ou água,
como anunciar
outra vez o milagre das salas;
dos quartos; crescendo cisco
a cisco, filho a filho?
as máquinas estranhas,
os motores com sede, nem
sequer
beberam o espírito das minhas
casas;
evaporaram-no apenas.

X

O incêndio desce;
do canto superior direito;
sobre os sótãos,
os degraus das escadas
a oscilar;
hélices, vibrações, percutem os
alicerces;
e o fogo, veloz agora, fende-os,
desmorona
toda a arquitetura;
as paredes áridas desabam
mas o seu desenho
sobrevive no ar; sustém-no
a terceira mulher; a última; com
os braços
erguidos; com o suor da estrela
tatuada na testa

EXPOSIÇÃO E FILME SOBRE O TRÁFICO DE MULHERES

Em colaboração com o Movimento Democrático de Mulheres, no dia 22 de Fevereiro de 2019 será aberta ao público na UPP a exposição "Agir contra o Tráfico de Mulheres".

No mesmo dia será projetado e debatido na UPP o filme "Chicas Nuevas 24 Horas", de Mabel Lozano, igualmente inserido no combate a esse crime.

UPP
EXPOSIÇÃO
AGIR CONTRA O TRÁFICO

TRÁFICO
NEGÓCIO CRIME
MULHERES
PREVENÇÃO
OCULTOS
VITIMAS
VENDIDAS
ESCRAVATURA

22 Fevereiro 2019, 18h
com exibição do filme
»Chicas Nuevas 24 Horas«
de Mabel Lozano
Rua Boavista, 738, Porto
(Rua do Comércio)

Conferência de José António Gomes A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NA LITERATURA PORTUGUESA



José António Gomes

O conferencista, José António Gomes, escritor e professor, dissertou sobre o elenco de obras da literatura portuguesa em que a guerra civil aparece abordada. Álvaro Guerra, José Leal Coutinho, Nuno Assis Pacheco, José Saramago, Abel Seabra, Jorge de Sena, Urbano Tavares Rodrigues, José Jorge Letria, entre outros, foram nomes que na lírica e na poesia trataram o tema, disse. Aliás, a guerra civil espanhola, explicou, foi aquela que a literatura mundial mais glosou: Ernest Miller Hemingway, "Por Quem os Sinos Dobram", André Malraux "A Esperança", Pablo Neruda "Confesso que Vivi", George Orwell, "Homenagem à Catalunha", Octavio Paz, "Bajo Tu Clara Sombra y Otros Poemas" e "No Pasarán!", António Machado, "Al andar se hace el camino", do Fragmento XXIX de "Proverbios y Cantares". E porquê? Pela paixão histórica da Frente Republicana, pela onda de solidariedade internacional, pelo número importante de escritores e artistas que participaram nas brigadas internacionais, acredita. Na literatura portuguesa, apesar de não ter conhecimento de nenhum escritor português que tivesse intervindo na guerra civil como combatente, com excepção de Manuel Tiago/Álvaro Cunhal (que estava em Madeid numa missão partidária no início da guerra), José António Gomes lembrou que vários a sentiram intensamente e se solidarizaram com os partidários da Frente Republicana: José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Miguel Torga, Ferreira de Castro, Carlos de Oliveira, entre outros.

Em que domínios? Em que esferas e movimentos literários? Que autores e obras? Foram as questões lançadas por José António Gomes à plateia

presente na sala.

A literatura portuguesa sobre a Guerra Civil de Espanha aparece em diferentes períodos do séc. XX, contou, tendo destacado das obras contemporâneas o ciclo de poemas "Heróicas", de José Gomes Ferreira, e das obras posteriormente produzidas, "In Memoriam", de Eugénio de Andrade.

A temática, ensinou, foi mais abordada na poesia lírica, no romance, contos, ficções de fundo autobiográfico, narrativa juvenil e do ponto de vista ideológico sempre sob uma perspectiva pró-republicana e antifranquista.

Aparece nas narrativas como temática principal (ex: A Casa de Eulália, Manuel Tiago), como temática muito relevante (ex: Sinais de Fogo, Jorge de Sena), ou como aspecto secundário da narrativa (ex: Café República, Álvaro Guerra). Apesar de no teatro não se encontrar lastro deste reflexo na poesia da época, Álvaro Feijó, José Gomes Ferreira e Joaquim Curado são exemplos de abordagem ao tema, referiu ainda.

Tendo isso acontecido, quer à Geração da Presença, quer à Geração Neorrealista, quer à geração seguinte, a dos escritores Jorge de Sena, Sophia, Eugénio de Andrade, Ruy Cinatti, José Blanc de Portugal.

José António Gomes refere que apesar de nos anos 30, 50 e posteriores se verificar uma contínua abordagem, obsessiva até, à guerra civil na literatura, foi, contudo, a geração do movimento neorrealista aquela onde a guerra civil de Espanha representou um mais forte elemento de estruturação ideológica, como veículo de consolidação de posições antifascistas e solidariedade internacional e formação de consciências revolucionárias de carácter socialista.

Joaquim Namorado, em antologia publicada em 1987, "A Guerra Civil de Espanha na poesia portuguesa", organizou repositório ímpar nesta matéria, disse José António Gomes.

Concluindo, foi dito que a revolta, indignação, ilegitimidade da insurreição nacionalista, indignação com violação da liberdade e indignação contra atentatórias agressões contra o regime democrático foram os temas mais abordados

A imagem recorrente: o retrato da Espanha mártir à força bruta. E os Heróis.

Conferência de María del Pilar Martínez A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NA LITERATURA ESPANHOLA



María del Pilar Martínez

A Guerra Civil de Espanha é um tema muito versado na literatura espanhola, desde 1939. Foi tratado de diferentes pontos de vista, nuns casos como vivência e noutros como marco temporal, independentemente do género de literatura. É um assunto que nunca se encerra e que ressurge nas crises em Espanha.

Em 1898, Espanha perde as últimas colónias e a crise económica é enorme. Há uma grande crise de

valores. Em 1926, os intelectuais falavam na necessidade de uma regeneração política, das classes sociais, do campesinato. É uma época muito convulsa. Existe um conflito entre os que querem a mudança e os que não

querem. O operariado e a classe média, de que fazem parte os intelectuais, reclamam a mudança.

Pilar Martínez caracterizou a sociedade espanhola da época, fazendo um enquadramento circunstanciado das condições sociopolíticas, económicas e culturais.

A Guerra Civil de Espanha, conflito em que se confrontaram democratas e fascistas, bem como anarquistas e católicos reacionários, deu origem a "uma sede irreprimível de expressão literária".

Mas, dada a complexidade do tema, Pilar Martínez optou por centrar-se em exemplos de memórias de pessoas que viveram o conflito directamente e seleccionou textos relacionados com autobiografias.

Neste contexto, citou vários escritores e algumas das suas obras, tais como Ramón Sender, Rafael Alberti, María Teresa León, Fernando Fernán Gómez, Arturo Barea.

De salientar Max Aub, grande novelista, que fez da Guerra Civil de Espanha material literário de grande qualidade e desenvolveu uma literatura activa e comprometida.

A partir de 2000, a literatura não tem tanto em conta a ideologia, mas sim, aspectos humanos, as experiências vividas.

Conferência de Silvestre Lacerda

A DOCUMENTAÇÃO ACERCA DA GUERRA CIVIL DE ESPANHA NO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO



Silvestre Lacerda

No dia 3 de Dezembro de 2018, Silvestre Lacerda, diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, deu início à palestra situando-a no contexto da exposição realizada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que evocou os 70 anos do início da Guerra Civil de Espanha e da abertura do Campo de Concentração do Tarrafal.

Falou de momentos importantes que se verificavam em Portugal, em 1936. Havia muitos presos políticos, sobretudo na Cadeia de

Peniche, devido aos acontecimentos de 18 de Janeiro de 1934 e, em 1936, dá-se a Revolta dos Marinheiros. Tinha-se criado um mito em torno desta revolta, segundo o qual um dos objetivos dos marinheiros era tomarem conta dos principais barcos de guerra e, depois, irem para Espanha juntar-se aos republicanos espanhóis. Não sendo verdade, ao regime interessava esta propaganda para agravar as condições de julgamento desses marinheiros.

Apesar de tudo, o início da Guerra Civil de Espanha e a criação do Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, não são indissociáveis, antes representam a tentativa de enfraquecer a posição dos antifascistas portugueses e o seu apoio ao legítimo governo espanhol da Frente Popular. Para a análise deste acontecimento, importa saber que há um governo legítimo da Frente Popular e há um golpe de estado, desenvolvido a partir do Norte de África, para pôr em causa o governo eleito.

Para combater este golpe de estado, muitas organizações e partidos com diferentes posições políticas se juntaram tendo conseguido a unidade necessária à luta que viria a travar-se.

Muitos foram os atores desta guerra, quer do lado dos Republicanos, quer do dos nacionalistas, sem esquecer os do lado de Portugal. Fazendo referência particular a muitos deles, Silvestre Lacerda falou da intervenção que tiveram, da ligação dos nacionalistas ao governo português e, paralelamente, da forma como Salazar os apoiou.

Por outro lado, a luta dos Republicanos foi igualmente alvo de solidariedade internacional e da participação ativa de apoiantes que integraram as Brigadas Internacionais, de que muitos portugueses fizeram parte.

A palestra serviu também para o diretor da Torre do Tombo evidenciar o manancial de documentação existente no Arquivo Nacional sobre a Guerra Civil de Espanha e mostrar, com exemplos concretos, como qualquer cidadão português pode consultar esses e outros documentos pela internet, nomeadamente em <https://digitarq.arquivos.pt/>.



Sónia Duarte, que coordenou as conferências sobre a Guerra Civil de Espanha na UPP, e Silvestre Lacerda

Conferência-debate em 9 de Março

INOVAÇÃO TERAPÊUTICA

A inovação terapêutica tem permitido assinaláveis ganhos em saúde

O atual desenvolvimento científico e tecnológico alimenta a esperança de importantes avanços de novas terapêuticas.

A indústria farmacêutica, com uma imagem associada a grandes avanços da medicina, tem sido muitas vezes um obstáculo ao seu progresso.

Uma investigação pouco transparente e publicidade enganosa dirigida a médicos e doentes tem provocado falsas esperanças, aumentos da despesa pública e dos lucros privados

As multinacionais farmacêuticas, através do monopólio sobre as patentes de novos fármacos, têm conseguido impor preços especulativos que empobrecem e asfixiam os sistemas públicos de saúde.

Participe no debate sobre este importante tema na UPP, no dia 9 de Março de 2019, sábado, às 15H30.



Universidade Popular do Porto

CONFERÊNCIA-DEBATE

9 de março de 2019 · sábado · 15h30

**INOVAÇÃO
TERAPÊUTICA**

Ganhos em saúde, falsas esperanças e preços especulativos a asfixiar os serviços públicos de saúde

Com a participação de:

Carlos Seabra* - hematologista e patologista

Joana Bordalo e Sá - oncologista

João Oliveira - oncologista

Jorge Coutinho - hematologista

Rui Sarmento e Castro - infeciologista

*Autor do livro, em apresentação,
"Curar o mundo"
o acesso ao tratamento

Entrada livre, lotação limitada, acesso prioritário a inscrições prévias.

UPP - Tel: 226098641

Conferência e Exposição sobre Papiniano Carlos

POESIA NA LUTA PELA LIBERDADE



Bruno Monteiro



José António Gomes

Numa sessão evocativa dos 100 anos do nascimento de Papiniano Carlos, o sociólogo Bruno Monteiro e o escritor e poeta José António Gomes animaram uma mesa redonda na UPP sobre a sua vida e obra. No mesmo dia, em 24 de Novembro, foi inaugurada na UPP a exposição "Papiniano Carlos (1918-2012): escritor e artista. Uma vida na resistência ao fascismo".

Bruno Monteiro salientou a importância desta merecida homenagem da UPP. De seguida, traçou um retrato, não só da época que antecedeu a vinda de Papiniano Carlos para o Porto, como também a do seu tempo. Caracterizou política e culturalmente a sociedade portuense antes do 25 de Abril, referindo que "o ambiente cultural do Porto era muito original e diversificado", e distinto do de Lisboa. Terminou a sua intervenção dizendo que "Papiniano pode ser descoberto em toda a malha tecida de todos estes

quotidiano, sobretudo do portuense, em vários livros que publicou e nas suas colaborações em jornais e em revistas. Foi um ficcionista e um contador de histórias e, por fim, foi um criador na escrita para os mais pequenos. E é talvez este aspecto que é mais conhecido, sobretudo pelas pessoas que trabalham na educação.

Enquanto poeta e repórter da resistência muito do que escreveu está hoje reunido no livro "A Ave Sobre a Cidade", publicado em 1973. Desta obra faz parte o poema "Os ciclistas" que é uma homenagem à classe operária. É, talvez, dos poetas do neo-realismo, o que mais directamente convoca os presos políticos, os clandestinos e os operários.

Como cronista do quotidiano, evoca personalidades que conheceu ou admirou, como, por exemplo, Júlio Pomar e Abel Salazar.

Sobre o ficcionista e contador de histórias, José António Gomes salientou a obra "Terra com sede" que corresponde ao seu convívio com pessoas do campo, dando a conhecer as suas condições de vida. Já em "Rio na Treva" mostra-se um pouco céptico relativamente a uma mudança.

Foi um original criador no campo da literatura para crianças, acreditando que estas são como que um símbolo, uma garantia de um mundo melhor.

A sessão contou ainda com a projecção de um pequeno filme editado por Maria João Antunes com excertos da entrevista de Papiniano Carlos e da sua companheira Olívia Vasconcelos concedida ao CDI (Centro de Documentação e Informação) da UPP.



Convívio de Natal da UPP

Cerca de uma centena de amigos da UPP participaram no habitual almoço de Natal, desta vez realizado em 15 de Dezembro no Hotel Tuela no Porto.

O convívio foi animado pelo Grupo do curso de Cavaquinhos apoiado por elementos do coral da UPP.



Grupo de Cavaquinhos com elementos do Coral da UPP

REUNIÃO DE ALUNOS E MAGUSTO DA UPP

Em 14 de Novembro de 2018, algumas dezenas de alunos debateram com a direção os problemas da UPP, colaborando no planeamento e projecção das atividades futuras. Após a reunião seguiu-se um animado magusto, onde todos puderam conviver.

Espaço de cultura e ação, a UPP é também um lugar de encontros e de partilha de afetos.



Aspetto da reunião de alunos



Convívio no magusto

Cursos Livres da UPP

ATELIER D'ARTES

(Desenho, Pintura, Linogravura, Colagens)



Rosa Bela Cruz

O Atelier d'Artes é um curso novo da UPP que se situa na mesma área do curso de Desenho e Pintura, embora com uma proposta diferente. De que forma o novo curso é complementar ou se diferencia do de Desenho e Pintura?

A criação de um novo curso na UPP dentro das Artes Visuais, a que se deu o nome de Atelier d'Artes, só tem sentido se for um espaço com objetivos bem diferenciados do que já aqui existe. Aliás, o desafio que me foi feito foi com esse sentido e, só assim o aceitei, já que não se compreenderia a existência de dois cursos iguais num mesmo espaço! Este novo curso, tal como o nome indica, pretende ser um Atelier/Oficina onde se dá mais ênfase à experimentação e exploração de materiais e técnicas mistas e ao desenvolvimento criativo de cada um dos participantes. A personalidade de cada aluno, o seu sentido estético, a sua experiência artística, os objetivos que cada um pretende alcançar, são tidos em conta e são o ponto de partida para encetar os trabalhos no Atelier d'Artes.

No seu programa, define como objectivos, entre outros, sensibilizar os participantes para a expressão criativa e para os sentidos crítico e estético. Que ferramentas serão utilizadas para essa sensibilização?

Embora o curso tenha essencialmente uma componente prática, antes da execução de qualquer trabalho, procuro sensibilizar os alunos para as diferentes expressões plásticas, estilísticas e estéticas dos vários artistas a explorar no Atelier. Assim, criei um espaço a que dei o nome de "Na cabeça de...", que analisa a obra de artistas como Picasso, David Hockney, Frida Kahlo, Van Gogh, Graça Morais e outros, sob o ponto de vista do desenho, da técnica e das opções técnicas. Depois deste conhecimento essencial e feita a seleção da obra a desenvolver, o aluno é convidado a pensar de que

modo vai intervir criativamente sobre o trabalho com o intuito de o tornar único e original, sem perder a sua identidade própria. Este momento em que o pensamento criativo flui e se confrontam ideias é, para mim, um dos momentos mais



20 de janeiro de 2017 (2017), de Graça Morais

gratificantes sob o ponto de vista dos sentidos críticos e estéticos. Todo o ser humano é criativo! Há que romper medos e tabus! É esse o designio essencial deste curso.

Também refere a importância de desenvolver as competências do desenho. Almada Negreiros terá dito que "o que os olhos vêem só o desenho o sabe". Concorde com esta afirmação?

"Os olhos são para ver e o que os olhos veem só o desenho o sabe". Esta frase, que Almada Negreiros escreveu num auto-retrato e que ofereceu a um amigo, representa a atitude de um artista extraordinário como foi Almada que, ao retratar-se não estava só a representar-se fisicamente, já que um auto-retrato é muito mais do que a representação fisionómica, neste caso está implícita uma análise psicológica e introspectiva do artista. E claro que, neste contexto, concordo em absoluto com esta afirmação. Mas, se me perguntar uma frase com que mais me identifico, escolho uma de José Saramago "Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara". Mais do que olhar, é importante saber ver. Mas, muito mais importante do que ver é reparar, ou por outras palavras, saber observar! E aqui entra o desenho como base estrutural de toda a forma. Para a execução de um bom desenho considero fundamental uma boa observação e consequentemente, a perceção das formas que se estão a desenhar. A relação entre a visão curiosa (que repara), a mente (que percebe) e a mão (que regista) é a fórmula ideal para a execução de um bom desenho. E é por tudo isto que o desenho deve ser um treino contínuo que todo o artista ou criativo deve ter. Mesmo os artistas e arquitetos, que recorrem maioritariamente ao uso do computador, necessitam de continuar a desenhar para compreender melhor as formas.

O que gostaria de dizer às pessoas que se interessem pelas Artes Plásticas, mas que ainda não se decidiram a inscrever-se?

- Com frequência ouvimos as pessoas dizerem que "não tenho jeito nenhum para as artes"! Pois gostaria muito que entendessem que esta frase é mesmo um mito! É um lugar comum dizer que ninguém nasce ensinado, todos sabemos disso, e que nunca é tarde para estar aberto e disponível para experimentar novos desafios, também é uma enorme verdade. Sinceramente, o que gostaria de dizer às pessoas que gostam de Artes Plásticas, mas que estão ainda indecisas é que venham experimentar umas aulas, venham de espírito aberto e livre. E lembrem-se, todo o ser é criativo!



A Bigger Splash (1967), de David Hockney,



UPP - Universidade Popular do Porto
Rua da Boavista, 736
T: 226098641 - 963874167
geral@upp.pt - www.upp.pt
www.facebook.com/UniversidadePopulardoPorto